Um texto de Inaê Silva e Adriana Giubertti



Foto: Na Kyung Taek, Gwangju, 1980.

Há leituras que nos silenciam e, ao mesmo tempo, nos pedem que lhes demos voz. Assim é *Atos humanos*, livro da galhardeada escritora sul-coreana Hang Kang, vencedora do prêmio Nobel de Literatura de 2024. Nessa obra dilacerante, a autora resgata o terrível massacre ocorrido em Gwangju, sua cidade natal, no ano de 1980, no qual centenas de trabalhadores e estudantes universitários e escolares foram recebidos de peito aberto a tiros de metralhadora e fuzil e a golpes de baionetas pelo exército nacional a mando do então presidente, general Chun Doo-hwan. A *Aegukga* (hino nacional) e a *Taeguk* (bandeira nacional) se tornaram os símbolos do massacre, pois as vítimas, desarmadas, foram atacadas enquanto marchavam enroladas na bandeira, ao som do hino de seu país.

A leitura de *Atos humanos* é pesada. Como um museu impresso da dor — exposta em chagas abertas, sem tabus ou floreios —, esse livronostoca fundo. Possui o sutil equilíbrio entre a delicadeza que só os grandes escritores alcançam e a crueza de um brutal escalpelo. Virada a última página, restam o vazio — um nada preenchido por uma mistura indefinida de dor, revolta, humilhação; o silêncio — solene homenagem aos que morreram de cabeça erguida por todos nós, não importa se em Gwangju ou em qualquer outro lugar ou momento

histórico; o incômodo dilema interior entre a exaltação e a vergonha pelo que somos: inteiramente humanos, para o bem e para o mal.

Com o título *Atos Humanos,* Hang Kang adjetiva o humano em sua mais densa contradição. Ao fazer o mundo recordar que logo ali, quase no fechar das cortinas do século XX, no país que é hoje uma das mais imponentes locomotivas de desenvolvimento do Leste Asiático, a Coreia do Sul, o horror mais abjeto se deu a olhos nus, sem o menor dos pudores, ela nos conduz à percepção de que o bom e o mau, a vítima e o algoz são dois lados de uma mesma moeda: o homem.

Para isso, não dispensa descrições indigestas: o estado dos incontáveis corpos alinhados em caixões que lotam todo um ginásio ou empilhados secretamente em montanhas incineradas, sem que jamais pudessem ser ao menos identificados e devidamente sepultados por seus familiares; a imagem de meninos e meninas escolares carregando, limpando, colocando em caixões, ordenando minimamente velórios coletivos de corpos violentamente mutilados em estado de putrefação; a dor incurável da jovem universitária barbaramente violentada pela penetração diária e repetitiva, por incontáveis semanas, de uma régua de madeira ou de um cano de metralhadora em sua intimidade; as lancinantes palavras pronunciadas pelo espírito de um dos garotos ao ver seu corpo sem vida trespassado por tiros de fuzil: *" Queria crescer mais. Queria fazer flexão quarenta vezes seguidas. Queria abraçar uma mulher algum dia"* ou a dúvida sem resposta: *"Por que me matou? Por que matou minha irmã?"*. Não teriam igualmente um espírito — não seriam também humanos, afinal — os jovens soldados que ceifaram a vida daqueles tantos jovens sonhadores plenos de desejos humanitários?

Por mais impactante que seja, *Atos humanos* não é o retrato de um caso isolado de brutalidade entre os homens. Quisera! O que não falta na história mundial são semelhantes — e até maiores e piores — exemplos de crueldade. Exatamente agora, no Oriente Médio, há um massacre em curso contra o povo palestino, vítima de um projeto explícito de extermínio assumido pelo atual governo de Israel, que, além de promover imensurável matança de civis em Gaza, mantendo mulheres, idosos e crianças em regime de confinamento, humilhação e fome, lança-se, também, em poderosas incursões militares contra Irã, Líbano e Síria, em uma guerra cujo destino final ainda está por ser traçado.

Em meados do século XX, pouco mais de duas décadas passadas do final da Primeira Guerra Mundial, quando o Ocidente julgava caminhar a passos firmes rumo a um mundo baseado na

ordem, na democracia e na civilidade, espoucam o fascismo, o nazismo e um novo conflito militar de proporções intercontinentais. Nesse contexto, a pretexto da consecução da utopia distópica nazista, criam-se os campos de concentração e, posteriormente, de extermínio de humanos indesejados: ciganos, negros, homossexuais, pessoas deficientes, prisioneiros políticos e de guerra, artistas, acadêmicos e, sobretudo, judeus. O historiador britânico Laurance Rees[1] realiza densa incursão investigativa sobre esses campos, que entende serem alguns dos lugares mais "desumanos" já construídos pelos "humanos".

Em que pese a crueldade abjeta e inominável do morticínio indiscriminado e amplamente massificado de inocentes pelo projeto nazista nas câmaras de gás, na ponta da bala, de fome, frio ou doença, a desumanidade desses hediondos campos é, como aponta Rees, ainda mais densa e obscura do que se possa imaginar. Ela atinge e modifica o próprio caráter dos subjugados, reforçando a fluidez ética do humano em condições específicas, conforme retratado na literatura de Hang Kang.

É Toivi Blatt, um judeu sobrevivente de Sobibór[2], quem chega a essa conclusão em entrevista a Rees. À época com apenas 15 anos, Blatt trabalhou como "ajudante" na administração do campo de extermínio polonês, em tarefas penosas como o deslocamento para as câmaras de gás das incontáveis levas humanas chegadas diariamente pela linha do trem — incluindo amigos e familiares —, a retirada dos corpos após o envenenamento e seu posterior abandono em imensas valas coletivas. A crueza sórdida da realidade vivida pelo então jovem judeu fê-lo concluir que, naquelas condições, todos poderiam ser bons e maus. Há muito fora do campo, sempre que vê um ato de bondade, Blatt se pergunta: *como seria essa pessoa em Sobibór?*

Outro judeu com quem Rees conversou, Kalman Taigman, membro de um comando dedicado à limpeza dos alojamentos onde as mulheres tinham o cabelo raspado antes de entrarem nas câmaras de gás, relata que, por vezes, encontrava bebês escondidos sob as pilhas de roupas, camuflados por mães desesperadas por salvá-los dos nazistas. Cumprindo ordens, ele apenas os entregava aos alemães para serem mortos a tiros, jogados nas valas ou, se já houvesse corpos sendo incinerados, atirados vivos diretamente ao fogo. *Como eu me sentia?* replica Kalman? *Não sentia nada, virei um autômato, sem pensamentos. Só queria não ser o próximo.*

A leitura de *Atos Humanos,* assim como a própria obra de Ress,tem o condão iconoclasta de

implodir mitos. A escritora sul-coreana nos leva a ver que o humano ético que adjetiva quem somos não é sinônimo nem de virtude — solidariedade, bondade, caridade, compaixão ou civilidade — nem de vício — egoísmo, ódio, covardia, crueldade. O humano que nos adjetiva é apenas o que somos: uma complexa, dinâmica e frágil teia de virtudes e vícios, que se moldam, acomodam-se e alternam-se no tempo, no espaço e nas condições interiores e exteriores que se apresentam a cada um. Nem Rousseau nem Hobbes, o humano para Hang Kang é um gramado infinito onde o bem e o mal, vizinhos de muro, tomam juntos o mesmo chá da tarde.

---

[1] REES, L. (2018). O Holocausto: uma nova história. 1 ed. São Paulo: Vestígio.

[2] Campo de extermínio nazista situado na Polônia. A esse respeito, vide: https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/sobibor-abridged-article, consultado em 15 de junho de 2025.